Correio da Manhã

Circula em conjunto com: CORREIO PETROPOLITANO e CORREIO SUL FLUMINENSE

#cm2

QUARTA-FEIRA

‘Heads or Tails?’ resgata o faroreste em Locarno

PÁGINA 5

Um novo olhar sobre os dilemas de Hamlet

PÁGINA 4

Trio recria clima do pagode dos anos 1990 em álbum ao vivo

PÁGINA 7

Divulgação

Márcia Kambeba, escritora

Páginas de *sabedoria* originária

Duas das vozes indígenas de mais potente eco poético e político na literatura brasileira falam sobre a arte da escrita nesta quarta no CCBB-RJ

Por **RODRIGO FONSECA**
Especial para o Correio da Manhã

Saberes da floresta e alquimias silvestres entre verbos e advérbios, com raízes no predicado da literatura brasileira de autoria indígena, encarnam em dois sujeitos de força poética e destreza política no papo deste mês do Clube de Leitura do Centro Cultural Banco do Brasil do Rio, nesta quarta, às 17h30. É dia de o CCBB-RJ ouvir a amazonense Márcia Kambeba - autora de “Cocar”, “Saberes da Floresta” e “O Curumim Wirá e os Encantados” - e o paraense Daniel Munduruku - autor de “Como Surgiu: Mitos Indígenas Brasileiros”, “O Karaíba: Uma História do Pré-Brasil” e “A Primeira Estrela que Vejo é a Estrela do meu Desejo”. **Continua na página seguinte**

Debate sobre a memória no centro do território cultural

Carlos Araújo/Divulgação

Mais do que falar sobre prosa e verso, a dupla se autores vai discutir o quanto memória é território no amalgama cultural dos povos originários do Brasil. O encontro conta com a mediação dos poetas Suzana Vargas e Ramon Nunes Mello. No papo a seguir, Márcia e Daniel festejam o papel demiúrgico da palavra tanto na forma falada quanto na escrita.

> *"A palavra, antes de ser escrita, é viva: nasce do sopro, do canto, do silêncio, da escuta. Cada palavra dita por uma anciã ou um pajé é um gesto de cura"*

Qual é o lugar poético da palavra e da escrita nos saberes indígenas?

MÁRCIA KAMBEBA: É o território do encantamento, da memória e da ancestralidade. A palavra, antes de ser escrita, é viva: nasce do sopro, do canto, do silêncio, da escuta. Ela carrega o peso do tempo circular, onde o passado, o presente e o futuro caminham juntos como trilhas na floresta. Cada palavra dita por uma anciã ou um pajé é um gesto de cura, é um mapa do mundo e da alma, é reza, é ensinamento. Nos saberes indígenas, a palavra tem corpo. Ela dança nos rituais, desenha-se nos grafismos, ecoa nas narrativas ao redor do fogo e percorre os rios da oralidade com a força de um remo que conduz a canoa do conhecimento. A escrita, por sua vez, quando acolhida, não é para substituir a oralidade, mas para proteger e fortalecer os cantos, os nomes sagrados, as histórias de criação, as memórias de luta e de vida. O lugar poético da palavra e da escrita, portanto, é esse espaço de encontro entre o visível e o invisível, entre o humano e o não humano, entre o que se fala e o que se cala. É a ponte entre o que se vive e o que se guarda no coração. Ela não é apenas meio de comunicação, mas forma de existência e resistência. Ao escrever, o indígena não apenas registra. Ele evoca, invoca, investe de sentido o mundo e refaz o caminho do pertencimento. Assim, a palavra e a escrita, quando alinhadas aos saberes originários, não são ferramentas, são sementes. Cada uma, ao ser partilhada, pode brotar como floresta.

DANIEL MUNDURUKU: O povo indígena é de tradição oral. Todo o sistema pedagógico parte da palavra para ecoar na mente, no corpo e no espírito das crianças. Isso tem a ver com os pequenos ensinamentos diários transmitido pelos pais, pelo exemplo na execução das atividades diárias e pela escuta atenta das histórias narradas ao final do dia. Treinam-se os sentidos para que o corpo esteja sempre em vigilância; treinam-se os corpos para que saibam sobreviver e enfrentar os desafios. Treina-se o espírito fortalecendo-o através das histórias. A palavra escrita é uma ressignificação da palavra falada. Entendemos que ela é importante nos dias atuais porque somos contemporâneos e precisamos aprender os códigos ocidentais.

Que espaços a literatura indígena galga hoje?

MÁRCIA KAMBEBA: A literatura indígena anda pela cultura literária, por mercados editoriais, por feiras de livros e por festivais internacionais literários. Está nas premiações literárias, nas escolas indígenas e não indígenas, nas universidades nacionais e internacionais, nas bienais de literatura, nas mídias digitais e redes sociais. Está nos prêmios literários de reconhecimento público, nos projetos comunitários e no fortalecimento das línguas indígenas quando os livros são escritos bilíngues (língua indígena e português) ou trilíngues (quando trazem uma outra língua, como espanhol ou ingles), está no teatro, música e adaptações audiovisuais, ela está na ABL (a Academia Brasileira de Literatura) e em outras Academias de Letras pelo Brasil, como na Academia Internacional de Literatura Brasileira, nos EUA, da qual sou membro também com outros indígenas juntos. Ela está em muitos espaços e ocupa hoje um mosaico de espaços revelando seu dinamismo, "pluriversidade" e forças para reescrever narrativas, fortalecendo a resistência, a memória e a História.

DANIEL MUNDURUKU: Ela é uma produção que começou há pouco menos de 40 anos e já ocupa um lugar de destaque por conta de sua originalidade, criatividade e pertencimento. Ela tem ocupado importante papel na ressignificação da identidade nacio-

DANIEL MUNDURUKU, **ESCRITORES**

Divulgação

> *"O povo indígena é de tradição oral. Todo o sistema pedagógico parte da palavra para ecoar na mente, no corpo e no espírito das crianças"*

nal e a vejo como uma feliz novidade para se repensar o papel dos povos indígenas na História brasileira.

Do que fala consciente e politicamente a tua obra?

MÁRCIA KAMBEBA: Minhas obras literárias falam do direito de existir com dignidade, como povo originário. Falam do corpo-território que resiste, do silêncio que grita, da memória que não se curva diante do memoricídio (extermínio da memória). Conscientemente, escrevo para costurar o que tentaram rasgar, destruir: a língua, a espiritualidade, a História, a memória, os saberes ancestrais. Politicamente, cada poema, conto, texto ou fala minha é uma afirmação de que a literatura indígena não é apenas estética: é estratégia de sobrevivência, de denúncia e de cura, do entendimento de que somos um corpo/espírito e precisamos nos fortalecer. Minha escrita realiza uma arqueologia dos saberes Omágua/Kambeba quando escava com cuidado e reverência as camadas profundas da memória do meu povo, trazendo à luz fragmentos, vozes e presença que o contato colonial tentou apagar ou destruir. Eu recolho esses pedaços de memória... essas histórias... como quem recolhe das profundezas da terra as cerâmicas milenares que também contam sobre nós. Transformo (esses pedaços) em palavra viva, em canto que reencanta, em memória que insiste em permanecer. Minha literatura é um corpo que carrega grafismos, é um cachimbo que acende a escuta dos encantados, é uma ponte entre mundos. É o sopro da ancestralidade que me atravessa e o legado que deixo para quem virá. Escrevo com a alma de quem não aceita o silêncio imposto, de quem denuncia a violência contra a natureza, contra o humano e não humano. Escrevo com a força de quem sabe que contar sua história é também retornar ao território do seu ser.

DANIEL MUNDURUKU: Costumo dizer que escrevo sobre o mesmo tema a partir de perspectivas diferentes. Passeio por todos os estilos literários e acadêmicos para conversar com os diversos públicos sempre abordando a temática indígena nas suas diferentes e possíveis leituras. Costumo pensar que fazer literatura é minha contribuição para a luta secular dos povos indígenas e isso acalma meu coração.

Que livros te fizeram amar a leitura? Que livro você indicaria a um parente?

MÁRCIA KAMBEBA: Os livros que me fizeram amar a leitura não foram apenas feitos de papel, mas de voz. A leitura começou em casa, com minha avó, Assunta, que me contava histórias entre rezas, benzeções e silêncios – e esses diziam mais do que muitas palavras. Foi ali que aprendi que leitura também é escuta do mundo, do outro, dos encantados. Depois vieram os livros impressos. Lembro de me emocionar com histórias que me atravessavam como se falassem de mim, mesmo quando não traziam rostos como o meu. E foi aí que entendi: eu precisava escrever o que ainda não estava nos livros. Precisava escrever para que crianças indígenas se vissem como protagonistas, para que os parentes se reconhecessem, para que os não indígenas aprendessem a escutar. Hoje, indicaria a um parente livros que não apenas informam, mas que fortalecem o espírito. Livros que são flecha e raiz. Indicaria obras de autores indígenas, como "Ideias para adiar o fim do mundo", de Ailton Krenak; "Metade cara, metade máscara", de Eliane Potiguara; "Meu avô Apolinário" e "Catando piolho contando histórias", de Daniel Munduruku; "A boca da Noite", de Cristino Wapichanalivros do Kaká Werá ou mesmo minhas próprias obras, que escrevo com o coração plantado na aldeia e os olhos atentos à luta do presente. Ler, para nós, não é passatempo. É retomada. É forma de recontar o mundo com nossas palavras, com nossa visão, com nosso tempo. Por isso, cada livro que indico a um parente é como oferecer um grafismo: uma forma de marcar o território da existência.

DANIEL MUNDURUKU: Por conta do histórico que me acompanha tive que ler muito para superar os demais colegas da cidade e para não abrir mão de minha ancestralidade. Li um pouco de tudo: de ficção clássica à angiologia; de didáticos à literatura juvenil; de filosofia à teologia. Enfim, li por obrigação, por diversão e por necessidade. Não me arrependo de nada disso, mas foi o que provocou meu talento para a escrita. Neste sentido - e sempre que posso - digo aos parentes que leiam o que quiserem ler, o que gostam e o que não gostam, porque isso os vai conduzir para a uma escolha cada vez mais consciente e cidadã.

De que maneira o tema da demarcação das terras indígenas inspira a literatura dos povos da floresta?

MÁRCIA KAMBEBA: A demarcação das terras indígenas não é apenas um tema político é, sobretudo, um tema de vida, de memória e de continuidade. Para os povos da floresta, a terra não é propriedade, ela é parente. É dela que nascem os cantos, os grafismos, os saberes e as histórias que atravessam gerações. Quando escrevemos, escrevemos com os pés fincados na terra que nos alimenta o corpo e a palavra. A literatura indígena se inspira nesse chão ancestral não como reivindicação jurídica apenas, mas como forma de lembrar que a terra tem espírito, tem nome, tem voz. A demarcação, nesse sentido, é também uma forma de proteger a memória viva do povo. Cada poema, cada conto, cada narrativa de um povo da floresta é uma forma de dizer "estamos aqui" não apenas no mapa, mas na "cosmovivência". É nesse campo que vejo a demarcação das terras indígenas inspirar a literatura indígena. A demarcação inspira a literatura porque é nela que a terra se faz verbo — ela canta, ela chora, ela alerta, ela ensina. E nós, como guardiões de suas palavras, escrevemos não só para denunciar o apagamento, mas para celebrar a permanência.

DANIEL MUNDURUKU: Existe uma luta de classes que reverbera em nossa sociedade. Muitas vezes se imagina que ela aconteça apenas no contexto urbano entre empresas e os trabalhadores delas. Essa luta acontece nos campos e nas terras indígenas. Quando escrevo, não esqueço dessa equação e ainda que o faça pensando em crianças pequenas, meus escritos ensinam a pertencer, cuidar, confluir. Isso reforça a ideia de que somos partes da natureza e não seus donos. Na medida em que a criança amadurece, essas ideias irão acompanhando-a e fazendo eco no jeito de ela interagir com o mundo à sua volta. Portanto, a semente está lançada e, penso, há de reverberar em todo o corpo da criança, do jovem e do adulto. Minha literatura é um cavalo de Tróia: ocupa a criança para atingir o adulto.

Divulgação

O ator e diretor celebra 15 anos da Cia Teatro Esplendor com nova tradução assinada pelo imortal Geraldo Carneiro e encenação imersiva no CCBB Rio

O embate entre aparência e verdade

Bruce Gomlevsky mergulha no universo de Hamlet em montagem inovadora

Bruce Gomlevsky realiza um sonho antigo ao interpretar e dirigir simultaneamente uma das mais complexas criações de William Shakespeare. O ator estreia nesta sexta-feira (15) uma nova montagem de "Hamlet" no Teatro III do Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, utilizando tradução inédita do poeta e acadêmico Geraldo Carneiro. A produção integra a ocupação comemorativa dos 15 anos da Cia Teatro Esplendor, que permanece em cartaz no espaço até setembro.

Gomlevsky revela que há anos nutria o desejo de enfrentar o príncipe dinamarquês, considerando a experiência "pedagógica, como uma aula de teatro". O ator destaca a riqueza do personagem, que considera "vilão e herói, cheio de camadas, e muito complexo", admitindo que apenas agora se sente preparado para tal empreitada. A preparação envolveu mais de 11 meses de laboratórios intensivos, construindo uma abordagem que o diretor define como "intensa, emocional e física".

A montagem promete explorar os conflitos morais e psicológicos que tornam Hamlet um dos personagens mais fascinantes da dramaturgia ocidental. O embate entre aparência e verdade, razão e instinto, poder e corrupção ganha nova dimensão nesta encenação.

A tradução de Geraldo Carneiro, imortal da Academia Brasileira de Letras, representa um diferencial significativo desta montagem. Gomlevsky elogia o trabalho do poeta, afirmando que conseguiu "manter a poesia do texto de forma absolutamente popular e comunicativa, bastante fluída". Esta nova versão em português busca preservar a força poética shakespeariana enquanto estabelece pontes com os dias de hoje, permitindo que a obra do século XVII dialogue diretamente com questões político-sociais atuais.

A encenação propõe uma experiência que rompe com a tradicional relação palco-plateiaem que o público será convidado a se movimentar durante a apresentação, assistindo à peça de diversos ângulos a cada ato. Esta configuração reflete a busca da companhia por experimentação estética e reinvenção de clássicos do repertório mundial. Gomlevsky promete "revolucionar e oferecer uma releitura absolutamente original" da tragédia shakespeariana.

Entre as escolhas mais ousadas da montagem está a incorporação de elementos contemporâneos, incluindo referências à inteligência artificial, e a escalação da atriz trans Alitta de Léon como Princesa Fortimbrás da Noruega. Esta decisão artística carrega significado político e social, uma vez que o personagem, frequentemente cortado em adaptações, simboliza "uma nova era" e "a destruição do patriarcado", segundo o diretor.

O elenco reúne nomes experientes do teatro carioca, com Daniel Bouzas interpretando Laertes, Glauce Guima como Ofélia, Gustavo Damasceno no papel do rei Cláudio, e Jaime Leibovitch desdobrando-se entre Polônio e o coveiro. Ricardo Lopes assume a dupla função de Horácio e o fantasma do rei, enquanto Sirlea Aleixo dá vida à rainha Gertrudes. Completam o elenco Maria Clara Migliora como Guildenstern, Tamie Panet interpretando Rosencrantz, além de Aquarela Neves e Guilherme Pinel. O cenário fica a cargo de Nello Marrese, com direção de produção de Gabriel Garcia.

A ocupação da Cia Teatro Esplendor no CCBB Rio representa um marco na trajetória do grupo, consolidando sua reputação como laboratório de experimentação teatral. Em seus 15 anos de existência, o grupo desenvolveu uma linguagem própria que combina aprofundamento dramatúrgico com ousadia estética, características que se manifestam plenamente nesta releitura de "Hamlet".

SERVIÇO

HAMLET
Teatro III - CCBB Rio (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)
De 15/8 a 8/9, de quarta a sexta e segundas (19h) dom (18h) | Ingressos: R$ 30 e R$ 15 (meia)

Divulgação

Em 'Heads or Tails', John C. Reilly dá vida a lendário caubói Buffalo Bill, lenda do western

Era uma vez em Locarno

Locarno Film Festival

Gênero condenado à extinção pelo politicamente correto, o Faroeste retorna à vida no festival suíço com 'Heads or Tails?', que põe John C. Reilly para reviver Buffalo Bill

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Quem não é não se esconde... cantava o funk "O Bonde do Rinoceronte... ao evocar a figura de Buffalo Bill, ou melhor William Frederick Cody (1846–1917). Caçador, batedor de carteiras e condutor ferroviário, ele virou lenda no Oeste... e no imaginário de Hollywood... a partir de um espetáculo itinerante de cavalaria e de tiro, chamado Wild West Show, que comandou a partir de 1883. Essa história foi contada pelo diretor Robert Altman (1925-2006), com Paul Newman (1925-2008), em "Oeste Selvagem", ganhador do Urso de Ouro na Berlinale de 1976. O que ficou de fora daquela narrativa perfumada a pólvora aparece agora no spaghetti meio à italiana, meio à americana "Heads or Tails?" ("Testa o Croce"?), de Alessio Rigo de Righi e Matteo Zoppis, produção responsável por livrar o Festival de Locarno do risco da inércia.

É raríssimo ver um bangue-bangue no cinema hoje em dia, quando só o streaming ainda dá bola para o filão, que é alvo do patrulhamento da correção política. Cannes, em 2023, deu espaço para "Strange Way of Life", de Pedro Almodóvar, que revisitava o western sob a lente queer. Já "Heads or Tails?" opta por uma linguagem moderna, com ecos do cinemão dos EUA e de longas B de Sergio Leone na Itália dos anos 1960. A trama se passa no início do século XX, quando o Buffalo Bill's Wild West Show chega à Itália para deslumbrar o povo europeu com o gatilho relâmpago de Cody, vivido por John C. Reilly. Após um rodeio mortal e um beijo roubado, Rosa e seu amante caubói Santino (Nadia Tereszkiewicz e Alessandro Borghi) fogem pela selva italiana, perseguidos por Bill. A história que surge ali não entrou nas HQs do Tex, nem nos bolsilivros "Estefânia" (uns livrinhos de papel jornal com tramas de faroeste), tampouco em "No Tempo das Diligências" (1939), de John Ford.

"O filme foi inspirado em uma lendária competição de dominação de cavalos entre italianos e caubóis americanos. É um anti-western que começa com tropos clássicos e se transforma em um conto mágico onde mito, ficção e realidade se entrelaçam", explicaram os diretores Alessio Rigo de Righi e Matteo Zoppis em nota à imprensa.

New Matter Films

Registros do futebol na Geórgia pontuam a investigação metafísica de 'Dry Leaf'

Poucos festivais do planeta saberiam acolher um faroeste como Locarno sabe. Desde 2021, quando começou a gestão do atual diretor artístico de Locarno (o crítico Giona A. Nazzaro, de Zurique), a maratona cinéfila suíça vem se abrindo a filmes de gênero, com direito até a uma ficção científica ("Espíritu Sagrado", da Espanha) na competição oficial. Não por acaso, um dos títulos mais esperados do festival para esta semana é o thriller "Keep Quiet", dirigido por Vincent Grashaw, que busca holofotes para o esquecido Lou Diamond Phillips, astro de "La Bamba" (1987). Na trama, um policial indígena experiente e uma recruta precisam encontrar um fugitivo da Justiça, crudelíssimo, cujo retorno à reserva rural expôs seus segredos mais sombrios e pode desencadear uma violenta guerra entre gangues. Sua projeção será na quinta.

Na competição oficial pelo Leopardo de Ouro, sacudida pelo romeno Radu Jude e a comédia mefistofélica "Drácula" (produzida pelo brasileiro Rodrigo Teixeira), Locarno já provou do ensaio antropológico (com "As Estações", de Maureen Fazendeiro, sobre a vida no Alentejo) e do painel geracional ("Le Bambine", das irmãs Valentina e Nicole Bertani, sobre Itália de 1997). Na terça, a disputa por troféus acolheu o trabalho mais recente de um dos mais potentes metafísicos do cinema mundial: Alexandre Koberidze, da Geórgia. No enredo de "Dry Leaf", ele narra a busca por uma fotógrafa que desapareceu. A última informação que se tem da moça é que ela estava fotografando estádios de futebol rurais em aldeias georgianas. Seu pai, Irakli, parte em busca da garota, viajando de um lugar para outro.

O concorrente desta quarta é da própria Suíça: "Le Lac", de Fabrice Aragno, que produziu filmes de Jean-Luc Godard (1930-2022). Nessa aventura existencialista, um casal se lança numa regata que dura vários dias e noites em um grande lago.

No sábado, o festival se encerra com a premiação e com exibição da nova versão (agora musical) de "O Beijo da Mulher Aranha", o livro de Manuel Puig (1932-1990), que inspirou um dos maiores êxitos do diretor Hector Babenco (1946-2016), em 1985. Agora, Jennifer Lopez encarna o papel que foi de Sonia Braga. O longa, dirigido por Bill Condon, passa no encerramento do festival, e tem Diego Luna e Tonatiuh nos papéis que foram de Raúl Julia (1940-1994) e William Hurt (1950-2022), que ganhou o Oscar pela versão de Babenco.

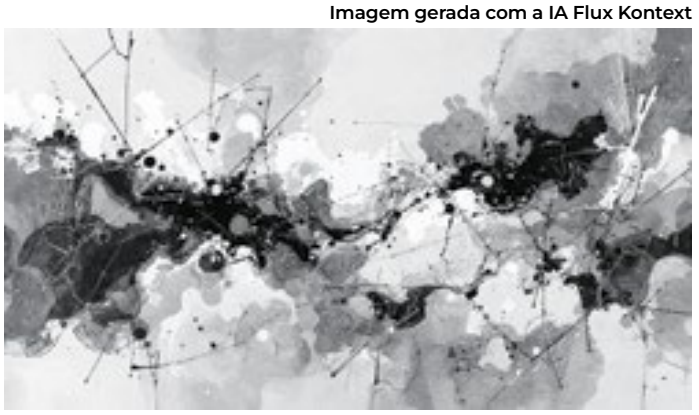
LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Guerra civil ou guerra interna

O senhor Senso Comum, proprietário da opinião individual, dissemina a ideia de que guerra civil é o confronto direto entre identidades opostas: de um lado, o Bem; e, de outro, o Mal. Mas não há esse didatismo político, se fosse tão fácil assim, a filosofia política não escreveria livros que vão muito além da superficialidade dualista fake ou fato.

Imagem gerada com a IA Flux Kontext



A história nos mostra que o extremo sempre mentiu, que dizer, sempre fez da palavra ato teatral e, como toda mentira, o extremo inverte: "o-que-é-não-é" e "o-que-não-é-é". O extremo joga com os contrários, o que significa dizer que, ao afirmar sua identidade nacional, a extrema direita inventa a não-identidade, quer dizer, ela inventa o inimigo; ou, ao afirmar sua identidade patriótica, a extrema direita destrói a nação, pois, não admitindo nada diferente de sua identidade, ela é a única a representar a identidade do país.

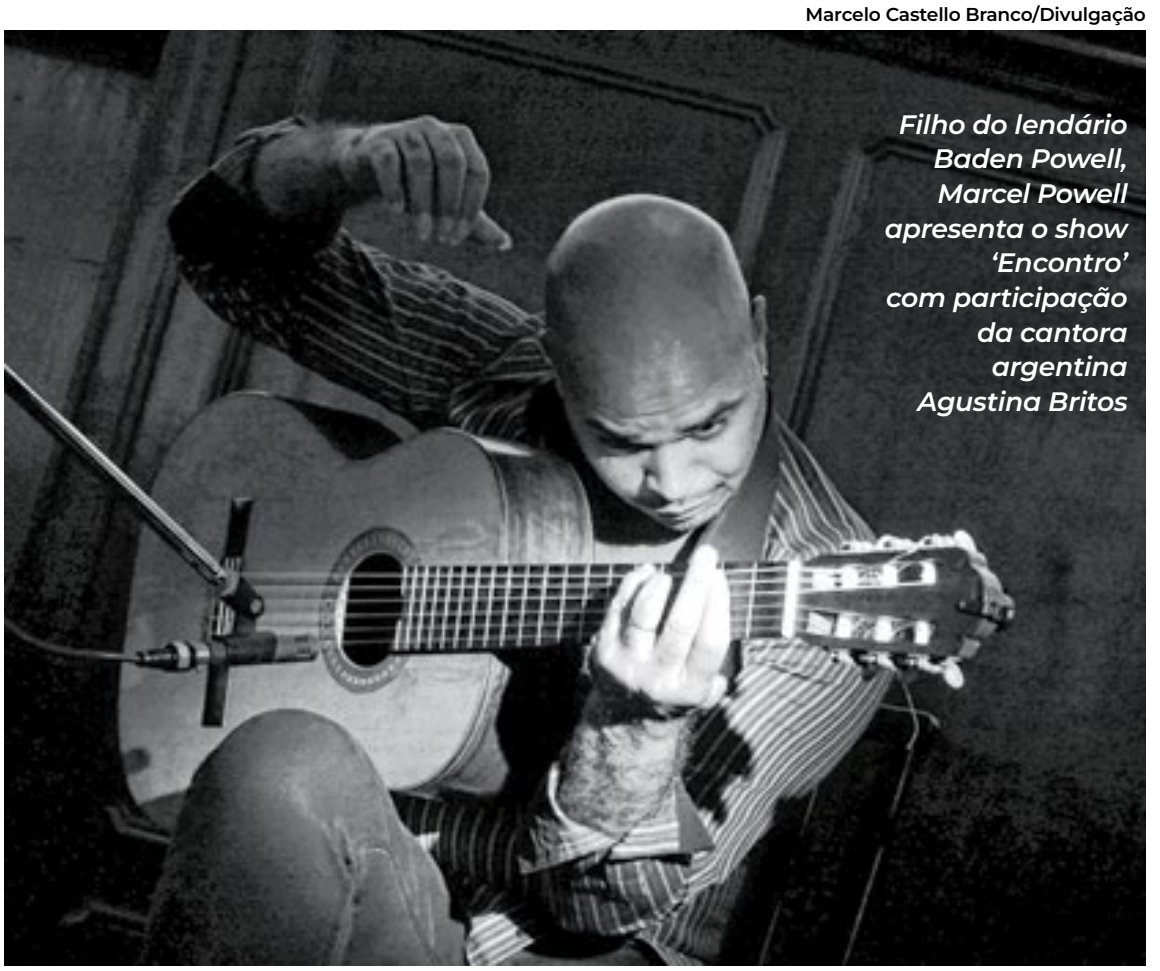
A guerra civil, portanto, é a excelência do paradoxo político e, quando escrevo paradoxo, digo que "o ser" escapa à sociedade, fazendo com que, ao mesmo tempo, a coisa "seja-e-não-seja". Assim, sem saber mais "o-que-é", confusões se alastram na sociedade e, onde impera ausência do "ser", a violência, com toda sua força bruta, ergue-se para impor sua vontade, consequência do ato teatral da palavra.

O conceito marxista de luta de classes é insuficiente para compreender a guerra civil acima do dualismo bom e mau, preto e branco, dentro e fora, capital e trabalho. Reduzem a guerra civil ou a guerra interna à clássica guerra externa como confronto direto. A guerra interna pode até levar ao conflito direto entre opostos, mas pertence à guerra interna uma natureza mais elaborada e constante que não pertence à guerra externa.

Qual natureza? A de conservar a memória, isto é, a de nunca se esquecer do inimigo interno, pois, tendo-o como memória, a extrema direita conserva em seu opositor o ressentimento político, e um tipo de esquerda no Brasil, ao preservar sua identidade, sempre traz com ela a memória de seu opositor. Por causa desse jogo, desse paradoxo, a presença da extrema direita é a presença da esquerda; e a presença da esquerda, a da extrema direita. Uma rumina a outra; porém, por se tratar de paradoxo, a mentira confunde "quem-é-quem", confunde o "ser".

Na história, quem sempre deu as cartas e ampliou o jogo do ressentimento político foi a extrema direita. É preciso perder a memória – agora compreendo Nietzsche.

Marcelo Castello Branco/Divulgação



Filho do lendário Baden Powell, Marcel Powell apresenta o show 'Encontro' com participação da cantora argentina Agustina Britos

Um virtuose do violão em **dois atos**

Marcel Powell celebra três décadas de carreira em show intimista no Blue Note Rio

Por **Affonso Nunes**

Três décadas de uma trajetória musical que transita entre a música erudita, o choro, o jazz, a bossa nova e a MPB convergem no palco do Blue Note Rio, nesta quarta-feira (13), quando Marcel Powell apresenta "Encontro", espetáculo em que este mestre do violão brasileiro leva ao público um recital que sintetiza sua experiência artística e pessoal.

Herdeiro direto da escola violonística criada por seu pai, Baden Powell (1937-2000), Marcel desenvolveu uma sonoridade pessoal que preserva a elegância e o refinamento da tradição, ao mesmo tempo em que incorpora sua própria linguagem musical própria. O espetáculo se estrutura em dois momentos distintos: inicialmente, o artista se apresenta em formato solo, revisitando clássicos da música brasileira como "Samba do Avião", de Tom Jobim, "Consolação", parceria de Baden Powell com Vinícius de Moraes, "Travessia", de Milton Nascimento e Fernando Brant, e "Dia Branco", de Geraldo Azevedo e Renato Rocha. O repertório inclui ainda composições autorais como "Sempre Alegre", inspirada em sua esposa, e "Pro Tião", parceria com Gilson Peranzzetta em homenagem ao violonista paraense Sebastião Tapajós.

A segunda parte do show é o momento em que o vilonista recebe a cantora argentina Agustina Britos. Juntos, eles exploram as conexões sonoras e afetivas entre o Brasil e os países hispano-americanos com um repertório que inclui "Corazón Partío", de Alejandro Sanz; "El Dia Que Me Quieras", de Carlos Gardel; "Dunas", de Rosa Passos; e "Manhã de Carnaval", clássico de Luiz Bonfá e Antonio Maria.

Marcel explica que a proposta deste espetáculo é valorizar a essência acústica e poética das músicas selecionadas. "Cada canção se transforma numa ponte que revela as afinidades culturais e a riqueza que envolve a diversidade desse encontro", destaca.

SERVIÇO

MARCEL POWELL - ENCONTRO
Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1910, Copacabana)
13/8, às 20h
Ingressos a partir de R$ 60

Uma coleção de **hinos atemporais**

Netinho de Paula, Chrigor e Márcio Art lançam 'Samba 90 Graus' com clássicos do Exaltasamba e outros hits da época dourada do gênero

Por **Affonso Nunes**

Chrigor, Netinho de Paula e Márcio Art recriam os hits do pagode noventista em turnê que ganha registra no álbum ao vivo 'Samba 90 Graus'

O pagode dos anos 1990 sempre esteve presente no imaginário popular de seus fãs. E agora, em pleno século 21, ganha novo fôlego com o projeto "Samba 90 Graus" (Sony Music), que reúne três dos principais nomes da época: Netinho de Paula, Chrigor e Márcio Art. O trio acaba de lançar o álbum completo do show, registrado ao vivo no Espaço Unimed, em São Paulo, diante de mais de 6 mil pessoas. A apresentação marca mais um capítulo da turnê que percorre o país desde maio de 2024, levando nostalgia e celebração para diferentes gerações de aprescidores do gênero.

O destaque do lançamento fica por conta do medley com sucessos do Exaltasamba, que inclui "Como Nunca Amei Ninguém", "Meu Jeito de Amar" e "Por Tão Pouco", uma trinca de canções que representa alguns dos maiores hinos do pagode romântico da década, período em que o gênero consolidou sua presença no cenário musical brasileiro. O trio recria a atmosfera desses hits mas que imprime a identidade de cada intérprete.

"Quando a gente pensou nesse projeto, colocamos o coração mesmo. Cada música foi pensada com muito carinho, pra trazer o melhor do samba, com aquela energia boa dos anos 90", explica Netinho de Paula. O cantor destaca ainda o cuidado com a produção visual: "O visual do show tá lindo demais, caprichado em cada detalhe, pra fazer todo mundo se sentir dentro de uma grande celebração. É emoção do começo ao fim".

A direção ficou a cargo de Tiago Silva, da TS Music, com produção da Nescau Produções. O espetáculo foi estruturado em cinco blocos, cada um com cenários modernos que dialogam com a estética contemporânea sem perder a essência dos anos 90. Uma grande banda acompanha os três cantores, recriando fielmente os arranjos que marcaram época e conquistaram milhões de fãs pelo Brasil.

O repertório da turnê inclui sucessos que definiram o pagode da década, como "Marrom Bombom", "Fricote" e "Essa Tal Liberdade". Essas canções não apenas embalaram festas e encontros familiares, mas também ajudaram a consolidar o pagode como um dos gêneros mais populares do país tanto que são canções que seguem na boca do povo.

Para Netinho, o projeto representa muito mais que uma simples reunião de sucessos. "É uma emoção difícil de descrever, um filme passa pela minha cabeça. É uma nostalgia boa com muita saudade. Que fique para eternidade as músicas que fizemos e gravamos com muito amor", revela o cantor. Márcio Art compartilha do sentimento e enfatiza a importância histórica do encontro: "Estar celebrando com dois ícones dos anos 90 é motivo de honra. Somos pioneiros de um movimento que permanece vivo até hoje".

Divulgação

Chrigor, por sua vez, dimensiona a responsabilidade de manter viva a memória musical de uma geração inteira. "São 30 anos de história no palco. Todo o carinho de uma vida, registrado em grande estilo. Fazer parte de algo com essa magnitude é uma grande responsabilidade", afirma o cantor, que junto com os parceiros ajudou a moldar o som que caracterizou o pagode dos anos 90.

"Samba 90 Graus" é um álbum que se firma como documento histórico de uma importante fase da MPB. Criando uma linguagem musical própria, que soube combinar romantismo e o clima de festa. A receptividade do público na turnê do trio, segundo Netinho, comprova que essa conexão segue forte como nunca. "O público sai sorrindo, cantando, todo mundo elogiando a vibe, a qualidade", comenta o cantor, acrescentando que a turnê consegue mobilizar tanto os fãs originais daquela década quanto um público mais jovem que descobriu essas canções através de plataformas digitais e redes sociais.

Divulgação

Darel e suas fases

Exposição celebra centenário do artista pernambucano com 95 obras que percorrem sete décadas de criação

O Centro Cultural Correios apresenta uma ampla retrospectiva dedicada ao artista Darel Valença Lins (1924-2017), figura singular da arte brasileira que completa cem anos de nascimento. A exposição "Darel – 100 anos de um artista contemporâneo", com curadoria de Denise Mattar, reúne 95 trabalhos que atravessam sete décadas de produção artística em desenho, pintura, gravura, ilustração e videoarte.

Nascido em Palmares e radicado no Rio, Darel teve sua trajetória marcada pela experimentação técnica e pela sensualidade expressiva. Pioneiro da litografia colorida no Brasil, desenvolveu uma linguagem visual que o aproximou de nomes como Oswaldo Goeldi, Iberê Camargo e conquistou o reconhecimento de intelectuais como Clarice Lispector e Vinicius de Moraes. Sua excelência artística foi reconhecida com prêmios importantes, como o de "Viagem ao Estrangeiro" do Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o de "Melhor Desenhista Nacional" na Bienal de São Paulo de 1963, onde ganhou uma sala especial na edição seguinte.

Exposição apresenta 95 trabalhos do artista que trabalhou diferentes técnicas ao longo de sete décadas de produção em desenho, pintura, gravura, ilustração e videoarte

O percurso da exposição ér organizado de forma cronológica, iniciando pelas gravuras em preto e branco das séries "Topografias" e "Cidades Inventadas", produzidas nas décadas de 1950 e 1960. Estes trabalhos evidenciam o domínio técnico do artista e sua capacidade de criar universos visuais autônomos através da gravura. Gradualmente, a cor se incorpora à sua produção, enriquecendo a paleta expressiva e ampliando as possibilidades narrativas.

A década de 1970 marca uma inflexão radical em sua produção. Darel abandona temporariamente a gravura para explorar o pastel e o lápis de cera na série "Mulheres da Rua Concórdia" com obras que retratam cenas de um prostíbulo que marcou sua infância, transformando memórias pessoais em arte.

A produção posterior revela novas experimentações técnicas. No conjunto "Baixada Fluminense", Darel incorpora digigrafia, colagem e guache para construir narrativas visuais inventadas, expandindo seu repertório expressivo. Seus últimos trabalhos, realizados nos anos 2000, apresentam delicadas pinturas florais a óleo e uma surpreendente incursão na videoarte, que se tornou sua melhor companhia nos últimos anos de vida, quando vivia solitário em sua casa de 800 m² em São Conrado.

A exposição ganha programação especial neste sábado (16), às 16h, com a sessão única do documentário "Mais do que eu possa me reconhecer", de Allan Ribeiro, seguida de debate com o diretor. O filme, premiado na Mostra Tiradentes de 2015 com os troféus de melhor filme, melhor direção, melhor roteiro e prêmio de público em diversos festivais pelo país, retrata a vida íntima do artista e sua relação com a videoarte como forma de expressão e conexão.

Para a curadora Denise Mattar, a mostra cumpre uma função reparadora. "Apesar de sua relevância histórica, Darel é hoje pouco conhecido do grande público. Sua trajetória reflete a condição de muitos gravadores brasileiros, que enfrentam a marginalização de uma técnica erroneamente considerada 'menor' pelo mercado de arte".

SERVIÇO

DAREL – 100 ANOS DE UM ARTISTA CONTEMPORÂNEO

Centro Cultural Correios (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro)

Até 30/8, de terça a sábado (12h às 19h)

Entrada franca